

O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

THE ROLE OF THE PEDAGOGICAL COORDINATOR IN CONFLICT RESOLUTION

Ivanaldo Guedes Da Silva

Maria Imaculada De Medeiros Guedes

Resumo: Nos últimos tempos muitas discussões vêm ganhando espaço em torno do trabalho do coordenador pedagógico e como atua na resolução de situações conflitantes na escola. São inúmeros os desafios que compete a figura deste profissional de educação no cotidiano escolar. Diante desta problemática, este estudo busca compreender qual o verdadeiro papel desse profissional. Neste sentido, o referido trabalho titulado de “O papel do coordenador pedagógico na resolução de conflitos” tem como objetivo, identificar os diferentes papéis do coordenador pedagógico dentro escola. Este trabalho apresenta uma pesquisa de caráter bibliográfico, baseado em estudos anteriores sobre o referido tema. Durante a escrita deste artigo foi necessário recorrer a diferentes pontos de vistas sobre o papel do coordenador. Para tanto, a contribuição de alguns teóricos foi de grande relevância, entre eles, Placco (2009), Cortella (2014), Freire (1996) e Moran (2000). Diante deste estudo, observa-se que o coordenador pedagógico enfrenta grandes desafios na dinâmica escolar, porém sabe-se que seu principal papel está ligado a articulação do saber entre professor e aluno, bem como na interlocução da inter-relação entre família e escola.

Palavras-chave: Coordenador. Conflitos. Professor. Aluno.



Abstract: In recent times, many discussions have been gaining ground around the work of the pedagogical coordinator and how he acts in resolving conflicting situations at school. There are countless challenges facing the figure of this education professional in everyday school life. Faced with this problem, this study seeks to understand the true role of this professional. In this sense, the aforementioned work entitled “The role of the pedagogical coordinator in conflict resolution” aims to identify the different roles of the pedagogical coordinator within the school. This work presents a bibliographic research, based on previous studies on the aforementioned topic. During the writing of this article it was necessary to resort to different points of view on the role of the coordinator. For that, the contribution of some theorists was of great relevance, among them, Placco (2009), Cortella (2014), Freire (1996), and Moran (2000). In view of this study, it is observed that the pedagogical coordinator faces great challenges in the school dynamics, but it is known to say that his main role is linked to the articulation of knowledge between teacher and student, as well as in the interlocution of the interrelation between family and school.

Keywords: Coordinator. conflicts. Teacher. Student.

INTRODUÇÃO

Inicialmente é importante destacar que este trabalho trata do “Papel do coordenador pedagógico na resolução de conflitos”, mas para entendermos esta função específica do coordenador pedagógico é necessário explicar sobre o trabalho do coordenador pedagógico no ambiente escolar e suas especificidades nas relações interpessoais.

Para Placco e Souza “o trabalho do coordenador está ligado ao aluno, ao professor e a comunidade escolar”, no caso “um elo entre aluno, professor e direção” (2012, p.11-12).

O coordenador pedagógico sendo um elo entre os diversos atores na escola passa a ter um



papel de alta relevância, pois, torna-se fundamental para identificar, qualificar e sugerir resoluções para situações conflitantes entre as partes que compõem a comunidade escolar.

Considerando que dentre tantas outras funções o coordenador pedagógico deve mobilizar saberes, trabalhar em equipe, resolver problemas pertinentes ao âmbito escolar, deve-se destacar seu compromisso com os quatro Pilares da Educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser (DELORS, 1996). Dentre eles podemos destacar:

[...] aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz (DELORS, 1996, p. 102).

A comunidade escolar interage de formas distintas e assim são susceptíveis a situações onde ocorram conflitos de ideias, sendo esses conflitos do tipo: professor- aluno, aluno-aluno, aluno-pessoal de apoio, professor-pessoal de apoio, professor- família, professor-professor, professor-coordenador, professor-gestor, coordenador- gestor.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo abordar especificamente a atuação do Coordenador Pedagógico como mediador de conflitos, abordando particularmente três eixos: conflitos do tipo aluno-aluno, professor-aluno e professor- professor, como também, a importância das relações interpessoais no ambiente escolar, baseadas na afetividade, companheirismo, empatia e humanização, e como essas relações podem ser promovidas e incentivadas pelo Coordenador pedagógico.

Com a abordagem desse tema espera-se elencar pontos relevantes para construção de uma escola mais justa, humana, coletiva, saudável, de relações interpessoais fortalecidas, bem como levantar reflexões e compreender o papel do coordenador pedagógico enquanto mediador de conflitos na escola.

Este trabalho apresenta uma pesquisa de caráter bibliográfico, baseado em estudos anteriores



sobre o referido tema. Desta forma, o trabalho encontra-se organizado nos seguintes tópicos: O papel do coordenador pedagógico, relações aluno-aluno, professor-aluno, professor-professor e considerações finais.

PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

O Coordenador Pedagógico exerce um papel fundamental dentro da instituição escolar, sendo responsável pela articulação entre a gestão, as famílias e educadores, acompanha o processo de aprendizagem, auxilia os professores na seleção das melhores estratégias de aprendizagem a serem aplicadas, propondo inovação e indicando caminhos, na perspectiva de fortalecer os professores e potencializar o ensino e as relações. De modo geral o coordenador Pedagógico tem a função de “articulador, formador e transformador” de acordo com Almeida e Placco (2009).

Quanto à sua função formadora, o coordenador deve oferecer suporte aos professores para que possam desenvolver suas atividades da melhor forma possível, aperfeiçoando suas práticas pedagógicas, a fim de garantir uma educação de qualidade para os estudantes. Nesse sentido, Clementi (2003, p.126) afirma:

A função formadora do Coordenador precisa programar as ações que viabilizam a formação do grupo para qualificação continuada desses sujeitos, consequentemente conduzindo mudanças dentro da sala de aula e na dinâmica da escola, produzindo impacto bastante produtivo e atingindo as necessidades presentes.

Assim é de responsabilidade do Coordenador Pedagógico a formação continuada dos professores, pautada na proposta pedagógica referenciada no Projeto Político Pedagógico - PPP da instituição, sem perder de vista a sala de aula e aprendizagem dos alunos.



O coordenador pedagógico como articulador viabiliza o trabalho coletivo das propostas curriculares, incentivando o compartilhamento das potencialidades de cada profissional a fim de que seja alcançado o objetivo da aprendizagem, bem como é de sua responsabilidade manter os vínculos harmoniosos (coordenador/aluno/professor) sendo crucial para o bom andamento das relações sociais, ou seja, o coordenador pedagógico deve incentivar parcerias e trabalho coletivo, priorizando a solidariedade e a participação efetiva, em contraposição a atitudes impositivas, autoritárias e individualistas (LIMA; SANTOS, 2007). É importante ressaltar que:

[...] quando as coordenadoras se propõem a ouvir os professores, dividir responsabilidades, oferecer outras oportunidades de participação, trocar experiências, sinalizam uma mudança na forma de enxergar o professor e seu potencial de contribuição na formação compartilhada no grupo [...] (CUNHA; PRADO, 2006, p. 390).

Torna-se imensurável que as vozes distintas na escola possam ser ouvidas e respeitadas em suas peculiaridades, mesmo as que destoam muitas vezes, devido ao meio social no qual seus interlocutores são formados. Atuando assim, o coordenador pedagógico estará contribuindo com a formação de um grupo mais coeso, colaborativo e harmonioso. Em relação a esses conflitos Ortega e Del Rey (2002, p. 143) expõem que:

[...] o conflito emerge em toda situação social em que se compartilham espaços, atividades, normas e sistemas de poder e a escola obrigatória é um deles. Um conflito não é necessariamente um fenômeno da violência, embora, em muitas ocasiões, quando não abordado de forma adequada, pode chegar a deteriorar o clima de convivência pacífica e gerar uma violência multiforme na qual é difícil reconhecer a origem e a natureza do problema.



Por fim, o coordenador como transformador tem seu papel centrado em atitudes parceira, de levar o professor refletir suas práticas, apontando acertos e problemas de forma a fortalecer as ações pedagógicas dos professores que conseqüentemente refletirão positivamente no processo de ensino aprendizagem.

RELAÇÃO ALUNO – ALUNO

Considerando que é comum existir conflitos entre pessoas nas suas relações interpessoais, na escola em especial na sala de aula não é diferente quanto a existência de conflitos, já que é um lugar onde se encontram diversas pessoas, cada uma com sua individualidade, jeito de ser, cultura, modo de pensar, história familiar, limitações e realidade, sendo assim é com certeza um espaço propício a conflitos de tantas diferenças pessoais.

O fato é que esses conflitos estão cada vez mais acentuados, tornando as relações entre os alunos, muitas vezes, abusivas, violentas e discriminatórias, situações consideradas como bullying – agressões frequentes sejam verbais, físicas e/ou psicológica.

De acordo com FANTE o bullying é:

Comportamentos agressivos e anti-sociais [...]. Sem termo equivalente na língua portuguesa, define-se universalmente como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. (2005, p. 28)

Para tanto, percebe-se que o bullying escolar interfere de forma negativa nas relações entre alunos nas escolas, uma vez que se configura em agressões contínuas, onde o agressor intimida, exclui e envergonha a vítima com situações vexatórias, apelidos, tais agressões muitas vezes são moti-



vadas por características físicas, comportamentos, opções sexuais ou até mesmo a maneira de ser de determinada aluno, e assim o bullying causa enormes prejuízos na qualidade de vida do aluno e na sua aprendizagem.

Considerando ainda o autor FANTE (2005, p. 28) sobre o bullying:

[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotada por um ou mais alunos contra outro(s) causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuações de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas manifestações do comportamento bullying.

Além de comprometer as relações interpessoais entre os alunos o bullying causa dificuldades de aprendizagem, de socialização, insegurança, baixa autoestima, medo, ansiedade, depressão, bem como desarmoniza o ambiente escolar, que por sua vez precisa ser sadio com relações interpessoais harmônicas, já que é responsável pelo desenvolvimento ético e moral de seus alunos.

Vale ressaltar que estas relações conflitantes, são de fato situações de bullying, que envolvem a vítima, agressor e muitas vezes outras pessoas que são observadores e testemunhas da agressão. Contudo, os agressores geralmente são crianças, adolescentes, vítimas de maus tratos, que reproduzem a violência sofrida em outros espaços de convivência.

Já a vítima é a mais prejudicada “pois pode sentir os efeitos do seu sofrimento quase nunca compartilhados, desenvolvendo algumas atitudes como isolamento social, insegurança e mostrando-se indefesa aos ataques” (CLEMENTE, 2008, p. 19).

O observador por sua vez, é o desencorajado, apenas uma testemunha. Segundo Mezzela (2008, p. 08) “As testemunhas, representadas pela grande maioria dos alunos, convivem com a vio-



lência e se calam em razão do temor de se tornarem as próximas vítimas”.

Todas essas situações convergem para acentuar o comprometimento das relações interpessoais (aluno-aluno), que interfere diretamente no processo de ensino aprendizagem, levando a reprovação, a distorção idade-série e culminado na evasão escolar.

Sendo assim, a comunidade escolar deve estar atenta e preparada para reconhecer as situações de violência, incluindo o bullying, e o coordenador pedagógico deve estar preparado para capacitar os profissionais da escola para identificar, intervir e encaminhar demandas. Para tanto, é papel do coordenador pedagógico conversar com a comunidade escolar sobre as principais problemáticas, planejar ações de prevenção, conhecer a rede intersetorial que venha a colaborar no processo, pois haverá momentos em que as ações de prevenção e solução destes

conflitos, deixará de ser papel do coordenador, para ser uma intervenção de equipe multidisciplinar. Será preciso que o coordenador pedagógico articule projetos visando a prevenção de violência na escola, promovendo melhoria nas relações interpessoais e conseqüentemente, que nestes projetos seja incentivado o diálogo, a prática esportiva e de lazer e o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Diante dessas reflexões é notória a necessidade de estratégias de intervenção e prevenção do bullying no ambiente escolar, já que é uma das principais demandas que provocam conflitos entre alunos, sendo neste cenário fundamental o papel do coordenador pedagógico como mediador, incentivador, facilitador e articulador de projetos pedagógicos que venham a subsidiar a temática, promovendo rodas de conversas entre as diversas partes que compõe a comunidade escolar, apoiando o professor para que ele se sinta preparado e fortalecido para lidar com esses problemas e possa também apoiar as vítimas, para que estas se sintam protegidas.

Por fim, a escola necessita desenvolver projetos interdisciplinares articulados e acompanhados pelo Coordenador Pedagógico, a fim de combater os conflitos entre os alunos de forma a desenvolver os princípios éticos, colaborativos, a dignidade e empatia, pois relações sadias são fundamentais



para desenvolvimento e crescimento de todos no ambiente escolar.

RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO

As relações interpessoais no ambiente escolar interfere significativamente na forma de aprendizagem dos alunos e de ensino dos professores, pois há consequências positivas e redução dos conflitos quando existe uma relação saudável entre professor e aluno. A relação equilibrada entre professor/aluno é responsável pela construção de um ambiente saudável e sólido de diálogo, acolhida e empatia, no qual surge naturalmente a aprendizagem e conseqüentemente o sucesso do processo ensino e aprendizagem. Contudo, podem acontecer atropelos nas relações entre professor e aluno, são possíveis acontecer por vários motivos, a citar: a falta de limites dos alunos, comportamento rígido do professor, formas de comunicação e uso das tecnologias.

No que se refere a falta de limites e indisciplina, na relação professor e aluno o comportamento dos alunos, no qual de um lado o professor busca ensinar conteúdos ou mesmo compartilhar conhecimentos fundamentais para um bom desenvolvimento do educando, geralmente em um ambiente de disciplina, de outro lado o aluno estando inserido em um ambiente que lhe cobra disciplina e concentração, não consegue geralmente compreender ou mesmo aceitar as nuances da escola. Tendo o aluno convivido a maior parte do tempo em ambientes que lhe permitem “liberdades” quase ilimitadas, torna-se penoso está em um ambiente hostil a essas regalias. No caso, temos conflitos de interesses que se apresentam por situações conflituosas.

Sabendo que a relação professor e aluno deve ser harmoniosa e afetuosa, para que ocorra a aprendizagem, a disciplina positiva deve ser destacada como forte aliada, ajuda no fortalecimento da relação professor e aluno à medida que procura, basicamente, reforçar os acertos e não os erros, apoiada na empatia, paciência, compreensão, acolhimento, respeito à individualidade de cada criança, limites, autoconhecimento e exemplos positivos, rejeitando a violência física, psicológica e verbal, a



autora também sugere que sejam feitas reuniões de família e de classe continuamente, de modo que possam praticar a cooperação, o respeito e propor soluções para conflitos interpessoais, à medida que vão desenvolvendo as sete percepções e habilidades significativas (NELSEN, 2015)

O Castigo é algo que vem sendo também discutido corriqueiramente no ambiente escolar, não se admite mais que os professores atuais, punam seus alunos, como acontecia antigamente, e quando acontece provoca o rompimento dos vínculos entre professor e aluno, sendo papel do coordenador pedagógico estar atento a estas situações e orientar sua equipe, a como proceder em casos de indisciplina, capacitá-los sobre a postura do professor e reforçar as consequências do castigo, de modo que estes professores não ocupem posturas de docentes tradicionais, quando não se admite mais este tipo de professor na atualidade. Importante destacar que:

A pedagogia da Escola Nova – importante movimento em prol da renovação do ensino, sendo introduzida em solo brasileiro com maior ênfase a partir da segunda década do século XX – desejava transformação do País e, por isso, não poupavam críticas ao ensino tradicional. Dentre essas, o castigo físico entrava em cena como o símbolo do professor “antiquado, desatualizado e incompetente”.(SOUZA, 2009, p. 41).

Sendo assim, todo cuidado com a forma como se fala com os alunos, com advertências e postura diante da indisciplina ainda é pouco, já que os pais geralmente ficam do lado dos filhos, tendo em vista que são eles que propiciam ou permitem aos filhos essas “liberdades” diárias. Podem ver os professores como opressores e mesmo que diante dos professores nem sempre expressem essa posição, o fazem frente à coordenação pedagógica da escola, bem como para a gestão escolar. Por esses motivos alguns pais passam a indicar professores para seus filhos, julgando estes profissionais em seus aspectos humanos, pedagógicos e conforme as relações interpessoais.

A relação que o professor estabelece com seu aluno em sala faz toda a diferença, e é funda-



mental para um ambiente escolar tranquilo, harmonioso, afetuoso, onde o aluno se sinta à vontade com o professor, e isso propiciará um maior envolvimento dele nas atividades e, por conseguinte, a construção do conhecimento. Assim sendo, fica ainda mais evidente a necessidade do professor buscar ser afetivo e agir sempre com amor, respeito e empatia, considerando Freire (1996, p 103):

“Ensinar exige querer bem ao aluno, não significa que o professor é obrigado a ter o mesmo sentimento por todos os alunos, significa que o educador deve ter afetividade pelo aluno sem medo de expressá-la”.

Então se entende que manter um ambiente respeitoso, de diálogo franco, explicitando direitos, deveres, regras, combatendo a indisciplina em sala de aula é essencial para um trabalho eficiente e de qualidade no processo de ensino e aprendizagem, conforme Freire (1996, p.103):

“O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico”.

Outro ponto de divergência entre professor/aluno é ocasionado pelo uso das tecnologias por parte dos discentes, que muitas vezes não são utilizados por eles como ferramenta pedagógica, causando sérios conflitos. O fato é que alguns professores e alunos estão vivendo no mesmo espaço (sala de aula) em mundos diferentes. De um lado o professor distante da ferramenta pedagógica digital o celular, fora do mundo tecnológico, vendo ainda como única perspectiva para o ensino o livro didático e a lousa e seu sentimento de autoritarismo de o único detentor do conhecimento; do outro o aluno, filho da era digital, com o mundo em suas mãos, apesar de não fazer o devido uso das tecnologias.

Estes conflitos ficaram mais evidentes no período de pandemia, pois com a supressão das aulas presenciais e o início do ensino remoto, um dos maiores desafios foi estabelecer uma comunicação mediada tão somente pela tecnologia, principalmente pelo celular, que tinha seu uso proibido



em sala de aula. Assim o aluno tinha dificuldades de usar o celular como sala de aula, uma vez que sempre foi criticado o “uso do celular” no ambiente escolar e nunca explorado com maior zelo, mesmo mediante as discursões acerca da cultura digital e a necessidade de sua chegada ao chão da escola; já que muitos profissionais não tinham familiaridade com a tecnologia, dificultando assim a superação dessas dificuldades.

E no retorno as aulas presenciais estes conflitos permaneceram, uma vez que as escolas não articularam projetos, para apoiar professores e alunos no uso eficiente das tecnologias em sala de aula, de modo a tornar o ensino dinâmico, investigativo, colaborativo,

Nesta perspectiva não pode a tecnologia criar muros entre professores/alunos e sim pontes, pois o professor pode perder sua essência de ensinar, apenas aprimorar-se as relações colaborativas de trocas de saberes mediadas pela tecnologia, sendo todos ativos nesse processo, tornando assim o ambiente escolar um local de relações de confiança, respeito, e motivador se disputas de poderes, valorizando a pluralidade de pensamentos e as relações interpessoais, despertando o prazer em ensinar e aprender, segundo Moran:

“As mudanças na educação dependem também dos alunos. Alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador. Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajuda-los melhor.” (2000, p.17- 18)

Como foi mencionado a educação está mudando e cada vez mais se fala de motivação, aprendizagem e da importância da boa relação entre professor e aluno.

Para tanto, os conflitos de natureza interpessoais entre professores e alunos tendem basicamente a ser resolvidos de três formas distintas: por coação, pelo comportamento submisso, ou por mediação e gestão de conflitos. Se por coação faz-se o uso do autoritarismo, para de forma agressiva



fazer valer o direito e também a posição do falante, essa faz com que os direitos e opiniões do interlocutor sejam desconsiderados. Pela submissão o indivíduo deixa de considerar seus próprios direitos e sentimentos, para valorizar o direito do outro, sendo assim, tende a fugir e não reagir ante as situações conflitantes. Por fim, podemos citar a gestão ou mediação de conflitos que leva o indivíduo a considerar as próprias ideias, direitos e sentimentos, e assim os defende sem necessariamente ferir o direito do outro. Para isso são usadas algumas técnicas:

A mediação e a chamada gestão de conflitos, esse conjunto de técnicas e princípios, contribuem para popularizar outra maneira de enfocar as soluções para os conflitos: o diálogo substitui o bate-boca, o acordo, a extorsão e a imposição como regra. No entanto a mediação foi mais que um ingrediente no momento de compor um ofício e um saber centrado no conflito, na crise, e observado desde a pluralidade disciplinar e a profundidade científica. A mediação foi herdeira do que se chamou – e continua se chamando dinâmica de grupo, técnicas de conciliação, de arbitragem e de negociação... (VINYAMATA. 2005, P.23 - 29).

Levando em consideração que gestão e mediação de conflitos é a saída mais adequada à resolução de conflitos professor-aluno, ambos precisam de apoio e mediação por parte da coordenação pedagógica, na figura do coordenador pedagógico e que esse possa agir de forma a articular momentos de formação, diálogo, ou seja, propor uma rede de colaboração para estudos e reflexões, “trabalho em equipe”.

RELAÇÃO PROFESSOR - PROFESSOR

A escola é um espaço de socialização por excelência, no qual as crianças, adolescentes,



professores e demais servidores vivenciam encontros com um universo além do ambiente familiar, universo este que apresenta uma variedade de estilos, culturas e valores, assim levando a escola a ser um espaço de conflitos, que às vezes prejudicam as relações interpessoais que conseqüentemente refletem no rendimento educacional, profissional do corpo que compõe a escola.

As relações interpessoais entre os professores nem sempre são amistosas, pois muitas vezes acontecem em meio a um tom de disputa, falta de diálogo, companheirismo, sentimento de inferioridade, insegurança, levando o professor às vezes, a tornar sua sala de aula uma “caixinha” fechada para o mundo e aos poucos estas situações e comportamentos vão comprometendo o andamento das propostas pedagógicas e até mesmo tornando o ambiente escolar desfavorável ao crescimento e desenvolvimento intelectual e emocional de todos.

Quando as relações interpessoais no ambiente escolar apresentam-se fragilizadas, há um reflexo negativo, pois o professor não terá o mesmo rendimento em sala de aula, pode haver um comprometimento na relação com o aluno, ocorre falta de motivação, estímulo, já que a escola não é ambiente acolhedor, colaborativo. Mosquera e Stobäus enfatizam que: “Grande parte dos problemas que um docente enfrenta podem ser provenientes de um ambiente hostil, podendo este se tornar ainda mais hostil quando se trabalha com pessoas diversas” (2004, p.93). Sendo nesta perspectiva fundamental superar as diversidades, compreender a importância do respeito e comunicação, bem como entender que cada um tem sua forma de agir, suas particularidades, mas todos da escola têm experiências, vivências, conhecimentos a compartilhar e somar ao processo de ensino aprendizagem.

Nesta situação surge o Coordenador Pedagógico com o papel de estimular, organizar e articular o grupo de professores para que de fato se tornem uma equipe, transformando o professor num profissional mais solidário.

Ewerton Fernandes (2018) menciona alguns aspectos importantes que devem ser considerados no trabalho em equipe: colocar em xeque se realmente o grupo de docentes se constitui como equipe; organizar os tempos de modo a privilegiar a interação entre os docentes; tomadas de decisões



coletivas em relação ao projeto da escola; presença de um eixo temático para articular o trabalho em equipe e viabilizar que todos caminhem juntos; a prática de docência compartilhada onde o professor tem a oportunidade de trabalhar em conjunto na sala de aula. Este trabalho em equipe elucida um método a aproximar os professores e fortalecer as relações interpessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido trabalho procurou abordar a atuação do coordenador pedagógico enquanto mediador na resolução de conflitos, com finalidade de manter e incentivar o bom desenvolvimento das relações interpessoais e expor como o coordenador pode buscar mecanismos norteadores nas relações conflituosas dentro do contexto escolar.

Assim constata-se que alguns caminhos para uma mediação com resultados positivos podem ser adotados: projetos interdisciplinares que venham a subsidiar as relações interpessoais, a resolução de conflitos visando a afetividade, o amor e a empatia; a valorização do ser humano; trabalhar na prevenção dos conflitos; ter a moral e a ética como prioridade para o bem estar; promoção do diálogo, onde todos tenham sua voz; formação continuada para os docentes, para que estes se sintam cada vez mais fortalecidos e integrados a escola; trabalho em equipe, além do estudo da disciplina positiva e comunicação não-violenta.

Portanto é fundamental a contribuição de todos para construir na escola um espaço saudável e sólido, onde esteja presente a comunicação, a escuta ativa e a empatia prevaleça e o coordenador pedagógico com seu papel de mediador possa planejar momentos de reflexões, projetos pedagógicos humanizados e fazer a ponte de comunicação entre todos os agentes que compõem o espaço escolar, avaliando as necessidades de cada um deles, solucionando possíveis conflitos, ensinando que estes podem e devem ser resolvidos por meio do diálogo e que as diferenças são bem-vindas.

Por fim, a escola necessita de relações sadias, profissionais motivados e fortalecidos, alunos



felizes e respeitados, todos os atores do contexto escolar envolvidos em uma rede colaborativa de trocas de saberes, ou seja, um trabalho em equipe eficaz e de um coordenador pedagógico mediador, articulador, formador e transformador.

REFERÊNCIAS

CLEMENTE, Antônio. Violência disfarçada. *Construir Notícia*. V. 07, n. 40, p. 19, maio/jun. Recife, 2008. 12.

CLEMENTI, Nilba. A voz dos outros e a nossa voz. In: ALMEIDA, Laurinda R.; PLACCO, Vera Maria N. de S. *O Coordenador Pedagógico e o espaço de mudança*. São Paulo: Loyola 2003.

CORTELA, Mário Sérgio. *Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes / Mário Sérgio Cortella*. – São Paulo: Cortez, 2014.

DELORS, Jacques (coord.). *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez Editora. Brasília: Unesco, 1998.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: VERUS, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LIMA, P. G.; SANTOS, S. M. *O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas*.



Educere et Educare, Cascavel, v. 2, n. 4, p. 77-90, jul;/dez. 2007.

MEZZELA, Rita. O que é bullying? Construir Notícia. V. 07, n. 40, p. 08, maio/jun. Recife, 2008.

MORAN, José Manuel et al. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica – 6. ed. Campinas; Papirus, 2000.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: ENRICONE, D. (org.). ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.93.

NELSEN, Jane. Disciplina positiva. 3ª ed. Barven, SP: Manole, 2015, p. xvii

ORTEGA, R.; DEL REY, R. Estratégias educativas para a prevenção da violência. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

PLACCO, Vera Maria N. de Souza e SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. O trabalho do coordenador pedagógico na visão de professores e diretores: contribuições à compreensão de sua identidade profissional. IN: PLACCO, Vera Maria N. de Souza e ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Org.). O coordenador pedagógico: provocações e possibilidades de atuação. São Paulo: Edições Loyola, 1ª ed. 2012. p. 9-20.

SOUZA, Ewerton Fernandes. Como inserir o trabalho em equipe entre os professores - Publicado em Gestão Escolar 22 de outubro/2018 – Nova Escola. Acesso: <https://www.gestaoescolar.org.br/conteudo/2089/como-inserir-o-trabalho-em-equipe-entre-os-professores>



SOUZA, Rosa Fátima de. Alicerces da Pátria: escola primária e cultura escolar no Estado de São Paulo (1890 – 1976)). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

VINYAMATA, Eduard. (Org.) Aprender a partir do conflito: Conflitologia e educação. Porto Alegre, Artmed.2005.

